

# INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: IDENTIFICANDO DIFICULDADES, AÇÕES E CONTEÚDOS PARA PROVER A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

## *INCLUSION OF STUDENTS WITH DISABILITIES IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: IDENTIFYING DIFFICULTIES, ACTIONS, AND CONTENTS TO PROVIDE TRAINING OF TEACHERS*

Maria Luiza Salzani FIORINI<sup>1</sup>  
Eduardo José MANZINI<sup>2</sup>

**RESUMO:** o transcorrer habitual das aulas de Educação Física não parece tranquilo quando o professor defronta-se com alunos com deficiência, principalmente no ensino regular. Nesse sentido, objetivou-se identificar as dificuldades encontradas por professores de Educação Física para incluir alunos com deficiência e sugerir ações e conteúdos a partir dessas dificuldades com a intenção de promover a formação dos professores. Participaram da pesquisa 17 professores de Educação Física que atuavam em escolas, do 1º ao 5º ano, divididos em dois grupos: manhã e tarde. Três encontros para cada grupo de professores foram realizados. Em dois encontros foram coletadas informações por meio de Grupo Focal e, no outro encontro, as informações foram apresentadas aos participantes. Realizou-se uma análise de conteúdo do tipo categorial. Dessa análise emergiram oito categorias de dificuldades atribuídas: 1) à Formação; 2) à questão Administrativo-escolar; 3) ao Aluno; 4) ao Diagnóstico; 5) à Família; 6) ao Recurso Pedagógico; 7) à Estratégia de ensino; 8) à Educação Física. Diante dos resultados foram sugeridas ações e conteúdos para promover a formação dos professores. Conclui-se que, ao propor uma formação para professores de Educação Física, com foco na inclusão educacional, é preciso identificar e assumir as dificuldades encontradas, uma vez que os professores relataram que a dificuldade não era, somente, saber o que fazer para incluir, ou qual recurso selecionar, mas que havia outras questões, como, as administrativas, as familiares e as decorrentes da estrutura escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Especial. Educação Física. Dificuldades. Formação de Professor.

**ABSTRACT:** When teachers are faced with students with disabilities in regular schools, their physical education classes do not run smoothly. Thus, this study aimed to identify the difficulties faced by physical education teachers as they include students with disabilities, and suggest actions and content based on these difficulties intending to promote teacher development. Seventeen physical education teachers who worked in schools from 1st to 5th grade participated in the study. They were divided into two groups: morning and afternoon. Three meetings for each group of teachers were conducted. In two of these meetings, information was collected through Focus Groups, and in another meeting, information was presented to the participants. Content analysis of the categorical type was carried out. From this analysis, categories emerged related to difficulties regarding: 1) training, 2) school administration issues, 3) the student 4) diagnosis; 5) family; 6) teaching resources; 7) teaching strategies; 8) Physical Education. Given the results, several proposals were suggested and content to improve the teachers' development. We concluded that when suggesting a program for training teachers of Physical Education focusing on inclusion, one must identify and acknowledge the difficulties that emerge, since the teachers reported that it was not enough to know what to do in order to include or to know what resources to select. There were other issues to consider, such as administrative issues, family issues or aspects related to how the school was structured.

**KEYWORDS:** Special Education. Physical Education. Difficulties. Teacher Development.

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação, Unesp - campus de Marília, SP, Brasil. salzanifiorini@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Educação Especial e do Programa de Pós-graduação em Educação, Unesp - campus de Marília, SP, Brasil. manzini@marilia.unesp.br

Apoio: CAPES/CNPq Processo 402016/2011-4; FAPESP

## 1 INTRODUÇÃO

As Escolas Regulares e, conseqüentemente, os professores, têm sido requisitados para atender as mais variadas demandas da sociedade, o que requer conhecimento e metodologia próprios para a intervenção com cada clientela (SEABRA JÚNIOR; MANZINI, 2008). Especificamente no caso de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, as pesquisas indicam que os professores têm encontrado dificuldades para atender a demanda da inclusão educacional de alunos com e sem deficiência na mesma turma. Quais foram, então, as dificuldades descritas nos resultados das pesquisas?

As dificuldades se iniciam pelo duplo sentido que a Educação Física pode assumir em relação à inclusão: contribuir ou ser um empecilho (RODRIGUES, 2006). Por um lado, a literatura apontou como pontos positivos: 1) flexibilidade dos conteúdos; 2) atitudes positivas dos professores ao permitirem a participação de alunos que evidenciam dificuldades; 3) vantagem em relação às outras disciplinas porque procura compreender as deficiências e como adaptá-las; 4) área que lida o tempo todo com a diferença das pessoas (CRUZ, 2008; RODRIGUES, 2006). Por outro lado, destacou-se como negativo: 1) o contexto e conteúdo da Educação Física que a caracterizam como a mais difícil de incluir dentre as outras disciplinas; 2) muitas aparências, por exemplo, o professor ser visto como o mais favorável à inclusão e a área mais inclusiva (CRUZ, 2008; MORLEY et al., 2005). Atrélado a esses fatores, têm-se os relatos de “despreparo profissional” advindo de uma formação acadêmica “frágil” em virtude da falta de contato com pessoas com deficiência; o não oferecimento da disciplina Educação Física Adaptada e o debate sobre inclusão em uma única disciplina (BRITO; LIMA, 2012; FIORINI, 2011; CRUZ, 2008; FALKENBACH et al., 2008).

Mas, as dificuldades não advêm apenas da área de conhecimento e da formação acadêmica. O ambiente escolar, segundo as pesquisas, possuía características administrativas e físicas que dificultaram a inclusão. Em termos administrativos, dificuldades quanto: 1) a falta de apoio da Direção (LAMASTER et al., 1998); 2) o número total de alunos em cada turma (MULLER, 2010); 3) o número de aulas de Educação Física (BRITO; LIMA, 2012); 4) a falta de horário, dentro da jornada de trabalho, para elaborar aulas adequadas à inclusão (FIORINI, 2011); 5) a ausência de um assistente (MORLEY et al., 2005). Quanto ao espaço físico, a dificuldade foi em relação à inadequação dos ambientes (ARAÚJO JÚNIOR; 2012).

As pesquisas indicaram que as dificuldades para incluir poderiam estar além das condições de trabalho, mais exatamente na indisponibilidade de parte dos docentes em aceitar mudanças, refletir e modificar sua conduta, assim como, o desinteresse em estudar e dialogar com os pares acerca de possibilidades e novas ideias (FALKENBACH; LOPES, 2010). A insegurança dos professores de Educação Física também pode ser um fator que dificulta a inclusão do aluno com deficiência (FIORINI, 2011).

O professor de Educação Física é um dos participantes envolvidos na inclusão educacional. Os alunos com e sem deficiência também fazem parte do processo e, na visão dos professores, podem apresentar atitudes e características que dificultam a inclusão. As dificuldades atribuídas ao aluno com deficiência foram: 1) o sentimento de inferioridade (FIORINI, 2011); 2) faltava constantemente das aulas (RODRIGUES, 2006); 3) o desinteresse em participar das

aulas (BRITO; LIMA, 2012; FALKENBACH; LOPES, 2010); 4) a dificuldade para entender e executar as atividades (CRUZ, 2008).

Além disso, os professores mencionaram que atitudes dos alunos sem deficiência dificultaram a inclusão dos alunos com deficiência, por que eles: 1) excluíram o aluno com deficiência por atrapalhar o jogo (FIORINI, 2011); 2) eram resistentes em participar de atividades para incluir o aluno com deficiência (FALKENBACH; LOPES, 2010).

Uma preocupação dos professores de Educação Física, identificada nas pesquisas, se referiu ao prejuízo que os alunos sem deficiência poderiam sofrer devido à presença de alunos com deficiência (LIENERT; SHERRIL; MYERS, 2001). Na opinião dos professores, a “atenção dispensada” ao aluno com deficiência prejudicaria a aula e os demais alunos e, em alguns casos, “desestruturaria a forma de trabalhar”, e por isso precisariam diminuir a complexidade das atividades e o ritmo das aulas (FIORINI, 2011; SOUZA; BOATO, 2009).

Os professores de Educação Física reconheceram, ainda, outros participantes envolvidos com a inclusão: os pais (FALKENBACH; LOPES, 2010). A família dificultou a inclusão de alunos com deficiência, segundo os resultados das pesquisas, à medida que superprotegeu ou negou a deficiência do filho (BRITO; LIMA, 2012).

Outra tensão dos professores de Educação Física poderia ser sintetizada em dois questionamentos: 1) Como elaborar uma aula para alunos com e sem deficiência? (BRITO; LIMA, 2012; FALKENBACH et al., 2008) e 2) Como executar o que foi planejado? (FIORINI, 2011; JUNQUEIRA; BACCIOTTI, 2008). Essa tensão refere-se às estratégias para incluir os alunos com deficiência nas aulas de Educação Física (FIORINI; MANZINI, 2012).

Por fim, os professores revelaram dificuldade devido à falta de materiais adequados ou específicos para cada tipo de deficiência (MAZZARINO; FALKENBACH; RISSI, 2011).

A partir das pesquisas apresentadas, fica evidente que existem consideráveis informações sobre as dificuldades dos professores de Educação Física para incluir alunos com deficiência. No entanto, é necessário buscar caminhos para sanar tais dificuldades, uma vez que elas continuam a ser relatadas pelos professores (JESUS; EFFGEN, 2012).

O conhecimento de quais são essas dificuldades é imprescindível e torna-se um subsídio para as ações futuras. Dessa forma, o primeiro passo é identificar, com a população específica, quais têm sido as dificuldades, considerando a dinâmica vivida pelos professores, a realidade cultural e o contexto que configura o ambiente escolar (MARTINS, 2012; MENDES, 2008). O segundo passo, e que ainda precisa ser concretizado efetivamente, é identificar como e quem pode agir para auxiliar na minimização dessas dificuldades: Pesquisas? Secretarias Municipais e Estaduais? Os próprios professores? A comunidade escolar? Os familiares? Políticas Públicas? Ações isoladas em cada escola, ou, em nível de Secretaria? Ações no setor da Educação, ou, integrado à Saúde? Formação continuada em nível teórico, ou, prático? Quais conteúdos abordar? Como efetivar essa formação?

Os questionamentos apresentados fizeram parte de um Projeto maior de intervenção e formação profissional do professor de Educação Física para o trabalho de inclusão escolar de alunos com deficiência. No presente texto será apresentada a primeira parte dessa Pesquisa

que identificou as dificuldades concretas desses professores, para depois intervir junto a essa população. Portanto, este estudo apresenta como problema de pesquisa: quais as dificuldades encontradas pelos professores de Educação Física, do município alvo, para atender a demanda da inclusão educacional de alunos com deficiência? E que ações e conteúdos podem compor um programa de formação para prover esses profissionais?

Para isso, foram delineados dois objetivos: 1) identificar as dificuldades encontradas por professores de Educação Física para atender a demanda da inclusão educacional de alunos com deficiência e 2) sugerir ações e conteúdos, a partir dessas dificuldades, que possam promover a formação do professor de Educação Física.

## 2 MÉTODO

O presente estudo faz parte de um Projeto de Pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília, sob o número 0581/2012.

### 2.1 COMPOSIÇÃO DO GRUPO

Os participantes foram professores de Educação Física que atuavam em Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) e Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil (EMEFEI), do 1º ao 5º ano, em um município do interior do estado de São Paulo.

Obteve-se a autorização dos representantes da Secretaria Municipal de Educação para a realização da Pesquisa com a participação de todos os professores de Educação Física interessados. Para atender aos objetivos da Pesquisa foram fixados os seguintes critérios de inclusão, em comum acordo com a Secretaria Municipal de Educação: 1) ministrar aulas de Educação Física para alunos com deficiência matriculados em EMEF ou EMEFEI; 2) cumprir o HEC (Horário de Encontro Coletivo) no horário fixado pela Secretaria, sem antecipação ou prorrogação do horário, alternância de período entre as semanas ou divisão das duas horas uma em cada período.

Dos 19 professores de Educação Física da Rede Municipal, 17 foram selecionados e divididos em dois grupos: oito professores no grupo da manhã e nove no grupo da tarde.

### 2.2 CARACTERÍSTICAS DOS PARTICIPANTES

Os 17 participantes compunham a primeira turma de professores de Educação Física da Rede Municipal. Cada professor trabalhava em uma EMEF ou EMEFEI distinta, com exceção de quatro professores, dos quais, dois trabalhavam na “escola a” e dois na “escola b”, porém em período oposto.

A partir das informações advindas de um questionário para identificação, preenchido pelos professores, sabe-se que, dos 17 participantes, em relação à/ao:

- a) *Sexo*: 10 eram do sexo masculino e sete do feminino;
- b) *Idade*: nove tinham de 20 a 30 anos; dois de 31 a 40 anos; seis de 41 a 50 anos;

- c) *Ano de formação*: três professores de 1986 a 1989; dois de 1990 a 1993; cinco de 2003 a 2007; sete de 2008 a 2010;
- d) *Tipo de formação inicial*: quatro cursaram Licenciatura; sete Licenciatura Plena; dois cursaram Bacharelado; quatro cursaram Licenciatura e Bacharelado. Dos 17 professores, três professores, além da Educação Física, concluíram ou estavam em andamento com outro curso universitário;
- e) *Disciplina Educação Física Adaptada*: 13 tiveram a disciplina e quatro não tiveram;
- f) *Pós-graduação*: nove participantes tinham ou estavam cursando uma especialização; três professores haviam participado de cursos em subáreas da Educação Física, mas não da Adaptada; um possuía curso de Libras e quatro participantes não buscaram atualização profissional após o término da formação inicial;
- g) *Experiência docente no Ensino Regular*: quatro possuíam “menos de 1 ano”; nove possuíam “de 1 a 3 anos”; três tinham “de 4 a 6 anos” e um “mais de 17 anos”;
- h) *Experiência com alunos com deficiência*: cinco possuíam “menos de 1 ano”; nove “de 1 a 3 anos”; dois professores “de 4 a 6 anos” e um professor possuía “mais de 17 anos”.

## 2.3 PROCEDIMENTOS PARA COLETA E DEVOLUTIVA DAS INFORMAÇÕES

A coleta de dados foi realizada por meio de seis encontros, sendo três encontros para cada grupo de professores e ocorreram em uma sala do prédio da Secretaria Municipal de Educação. Desses três encontros, em dois coletou-se dados por meio de Grupo Focal e em um encontro ocorreu a devolutiva das informações aos participantes.

É válido ressaltar que esses encontros aconteceram durante o horário de trabalho dos professores. Para reuni-los, oito no período da manhã e nove à tarde, a Secretaria Municipal de Educação dispensou-os do HEC, especificamente nos dias dos encontros, e autorizou-os a cumprir a carga horária durante a participação na Pesquisa.

### 2.3.1 GRUPO FOCAL

O Grupo Focal é uma forma de entrevista em grupo, embora não no sentido de uma alternância entre perguntas da pesquisadora e respostas dos participantes, em vez disso, houve uma dependência na interação dentro do grupo, baseada em tópicos que foram fornecidos pela pesquisadora (MORGAN, 1997).

Optou-se pelo Grupo Focal por ser um procedimento que, mediante as interações intragrupais dos professores reunidos para discutir o tema da pesquisa com base nas experiências pessoais, permite obter compreensões mais aprofundadas sobre a realidade escolar, as práticas cotidianas e as ações diante da inclusão de alunos com deficiência (GATTI, 2005; POWER; SINGLE, 1996; KITZINGER, 1995).

A estruturação do Grupo Focal seguiu o “padrão ouro” (*rules of thumb*) estabelecido por Morgan (1997): a) foi composto por professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino que ministravam aulas para alunos com deficiência, mas que, segundo os relatos,

“nunca haviam tido a oportunidade de se reunirem”; b) foi conduzido a partir de um roteiro de questões previamente organizado; c) foi composto por dois grupos: o da manhã com oito professores e o da tarde com nove professores.

Para fazer a discussão fluir e criar condições para que os professores de Educação Física explicitassem pontos de vista e fizessem comentários, a pesquisadora fez uso de um roteiro, um auxílio para a manutenção do equilíbrio entre o foco da pesquisa e a discussão dos professores (GATTI, 2005; MORGAN, 1997). O instrumento continha 10 questões abertas divididas em seis “temas disparadores”: 1) formação acadêmica; 2) formação continuada; 3) experiência profissional; 4) diagnóstico; 5) avaliação; 6) dificuldades. Cada uma das 10 questões continha duas partes: na primeira, uma introdução ao tema e, em seguida, a pergunta (FIORINI; MANZINI, 2012).

A disposição dos participantes foi sentada ao redor de mesas circulares, dispostas uma ao lado da outra, o que maximizou o contato face a face entre eles (POWER; SINGLE, 1996). Os encontros tiveram duração média de duas horas (GATTI, 2005). O áudio dos encontros foi registrado por meio de dois gravadores (GATTI, 2005; KITZINGER, 1995). Acrescido a essa forma de registro, havia duas observadoras que anotaram a sequência das falas e também as expressões corporais e faciais dos professores (GATTI, 2005; POWER; SINGLE, 1996).

### 2.3.2 DEVOLUTIVA DAS INFORMAÇÕES

Os dois encontros para a devolutiva das informações, um com cada grupo de professores, teve como objetivos: 1) apresentar as dificuldades relatadas pelos professores; 2) discutir e refletir sobre as implicações das dificuldades identificadas.

Na devolutiva, as informações categorizadas foram socializadas e construídas coletivamente, ao passo que, as dificuldades foram apresentadas aos professores e eles puderam reafirmá-las ou adequá-las (JESUS, 2008). A apresentação ocorreu por meio de *slides* em *Power Point*, os quais continham as dificuldades de cada categoria e os exemplares de fala advindos dos relatos dos professores, com a indicação do número do professor, isso porque, eles foram numerados de P1 a P17 e avisados sobre o respectivo número.

Para que as dificuldades apresentadas fossem, de fato, relativas aos professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino, optou-se por unir os relatos do grupo de professores da manhã e da tarde e elaborar um único *corpus*.

Manteve-se a divisão dos professores em dois grupos, disposição dos professores sentados em círculo, a atividade das observadoras e a gravação do áudio (GATTI, 2005).

Pontos para discussão e reflexão foram reforçados pela pesquisadora com base em suas interpretações e questionamentos, além de teorizações cabíveis a cada categoria de dificuldades, a partir da literatura em Educação Especial e Educação Física Adaptada.

## **2.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS**

### **2.4.1 DO GRUPO FOCAL**

O áudio dos quatro encontros de Grupo Focal, dois com cada grupo de professores, foi transcrito na íntegra, de acordo com as Normas de Marcuschi (1986), um sistema de 14 simbologias que auxiliam na transcrição de falas, como, por exemplo, (+) pausas de até 1,5 segundos, [[] para falas simultâneas.

A partir dos dados coletados era cabível, e foi realizada, uma análise de conteúdo do tipo categorial (BARDIN, 2000). A análise baseou-se nas cinco características que definem uma categoria: 1) homogênea; 2) exaustiva; 3) exclusivas; 4) objetiva; 5) adequada (BARDIN, 2000). Utilizou-se como critério de classificação, ou regra de recorte, o tema dificuldades, e as categorias foram estabelecidas a *posteriori*, a partir dos dados advindos dos encontros do Grupo Focal e da devolutiva das informações (BARDIN, 2012).

A identificação das categorias ocorreu em duas etapas: 1) análise categorial do material transcrito de cada grupo de professores separadamente (manhã e tarde), etapa denominada de diferenciação; 2) reagrupamento das categorias identificadas e dos respectivos exemplares de fala (BARDIN, 2000).

### **2.4.2 DA DEVOLUTIVA DAS INFORMAÇÕES**

O áudio dos dois encontros, realizados um com cada grupo de professores, foi transcrito na íntegra, de acordo com as Normas de Marcuschi (1986).

No material transcrito, foram identificados os relatos sobre as dificuldades que confirmassem o que havia sido relatado nos encontros de Grupo Focal ou que indicassem novas dificuldades ou adequação das dificuldades apresentadas.

### **2.4.3 SÍNTESE DAS ANÁLISES**

Diante dos resultados das análises dos relatos tanto ocorridos nos encontros de Grupo Focal quanto nos encontros de devolutiva, fez-se uma síntese dos dados em que foram sugeridas ações e conteúdos para promover a formação dos professores de Educação Física.

Por ação compreende-se atos que podem ser realizados tanto pelo proponente da formação quanto pela escola e Secretaria Municipal de Educação. Por conteúdos entende-se que são temas a serem abordados de modo teórico e/ou prático durante a formação.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A partir da análise dos dados foram identificadas oito categorias de dificuldades relatadas pelos professores de Educação Física para incluir os alunos com deficiência. Essas dificuldades foram atribuídas: 1) à Formação; 2) à Questão Administrativo-escolar; 3) ao Aluno; 4) ao Diagnóstico; 5) à Família; 6) ao Recurso Pedagógico; 7) à Estratégia de Ensino; 8) à Educação Física.

### 3.1 DIFICULDADES ATRIBUÍDAS À FORMAÇÃO

Os 17 professores de Educação Física atribuíram dificuldades tanto à formação acadêmica quanto à continuada.

Em relação à formação acadêmica foram relatadas três dificuldades sobre a disciplina Educação Física Adaptada: 1) não oferecimento da disciplina (P1, P12, P14, P16); 2) “presa” à teoria (P2, P8, P15) e com situações hipotéticas de deficiência (P5); 3) direcionada à deficiência física (P11). E duas dificuldades sobre a estruturação do curso de Educação Física: 1) focado mais na área da Saúde do que na Educação (P10, P15, P17); 2) os estágios oferecidos pela Universidade tinham vagas restritas na área de Adaptada (P10).

A partir dessas dificuldades relatadas foi possível pensar, a partir da literatura, em ações a serem tomadas pelas Instituições de Ensino Superior e seus docentes, como: envolver as demais disciplinas da grade curricular com o tema pessoa com deficiência, por meio da identificação de como cada uma delas poderia contribuir dentro da sua especialidade (CRUZ, 2008); convidar pessoas com deficiência para participarem de aulas práticas, ou, realizarem palestras; providenciar visitas às escolas, instituições e associações; criar um estágio dentro da disciplina; elaborar uma ementa de disciplina que se aproximasse da realidade escolar vivenciada pelos professores de Educação Física, ou seja, turmas em que há alunos com e sem deficiência, com Transtorno Global de Desenvolvimento e com Altas Habilidade/Superdotação (CRUZ, 2008); traçar parcerias entre Universidade – escolas, Universidade – instituições, para ampliar a oferta de vagas nos estágios.

Em relação à formação continuada, os professores relataram que os cursos eram vagos e específicos para uma determinada deficiência e não abordavam a realidade escolar (P4, P9), ou seja, alunos com diferentes tipos de deficiência e alunos sem deficiência na mesma turma

O relato permite sugerir ações e conteúdos. As ações poderiam ser tomadas pelos coordenadores de um curso de formação e, também, pela própria Secretaria Municipal de Educação, no sentido de: identificar as dificuldades específicas e as situações de sucesso do grupo de professores frente à inclusão para, assim, planejar um curso; discutir, junto à Prefeitura, as condições para a realização do curso, por exemplo, carga horária necessária, dispensa/convocação dos professores; ministrar o curso em parceria com profissionais com experiência em atividade física para alunos com deficiência e inclusão educacional, para que houvesse uma troca de experiências. Outras ações seriam em nível de Políticas Públicas, municipais, estaduais e federais, tanto na criação de programas de formação continuada voltados à Educação Especial e Educação Física Adaptada, quanto no incentivo aos professores para buscarem especializações (BRASIL, 2006, 2007a).

Os conteúdos do curso de formação poderiam ser embasados na Tecnologia Assistiva, entendida como:

[...] uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2007b).

Além disso, esses conteúdos deveriam ser trabalhados de modo a exemplificar, por meio de fotos e vídeos, as situações reais de inclusão de alunos com deficiência em atividade física, exemplificar estratégias de ensino, apresentar e ensinar como usar recursos ou materiais indicados para alunos com deficiência.

Outros conteúdos da formação poderiam ser estipulados a partir de uma identificação das dificuldades dos professores de Educação Física, realizada pelos coordenadores previamente, a qual poderia indicar, por exemplo, a necessidade de abordar questões para além das estratégias e recursos pedagógicos da Tecnologia Assistiva.

### **3.2 DIFICULDADES ATRIBUÍDAS À QUESTÃO ADMINISTRATIVO-ESCOLAR**

O termo administrativo-escolar engloba tanto o que acontece fora do ambiente escolar, mas é relativo a ele, como as Leis e a deliberações da Secretaria de Educação, quanto o que ocorre no ambiente interno da escola, como as condições de trabalho e infraestrutura.

Ao todo foram atribuídas, pelos participantes, oito dificuldades referentes à questão administrativo-escolar, que serão discutidas em blocos. Será possível notar que essa categoria de dificuldades suscita ações que vão além das contempladas em um programa de formação de professores para incluir alunos com deficiência, justamente porque envolvem ações que deveriam ocorrer em âmbito de Secretaria Municipal de Educação e Direção escolar.

No primeiro bloco foram relatadas quatro dificuldades que ocorrem internamente: 1) o professor de Educação Física não era avisado, previamente, da matrícula de alunos com deficiência (P1, P2, P4, P7, P8, P13, P17); 2) as informações como o tipo de deficiência e a turma em que o aluno estava matriculado eram passadas para o professor de sala na atribuição de turmas (P1, P2, P4); 3) o professor de Educação Física não era convidado para participar da reunião de pais e do conselho escolar (P1, P2, P3, P4); 4) as más condições do espaço físico para as aulas de Educação Física (P2, P10, P11, P14, P16).

O caminho para mudanças parece estar em iniciativas, da Secretaria Municipal de Educação e, também, dos gestores escolares (Coordenação e Direção), como: identificar o motivo da “falta de notificação” e da “não participação” e criar condições para que todos os professores possam participar dos eventos escolares mencionados; estipular uma rotina a partir da qual, assim que proceda a matrícula, toda a comunidade escolar seja avisada, pois os alunos não ficam apenas com os professores, mas circulam pela escola; divulgar notícias seja no HEC ou na sala dos professores; ampliar a divulgação para toda a comunidade escolar. Por ventura, durante o curso de formação continuada dos professores, os coordenadores da formação também podem mencionar a questão “administrativo-escolar” e convidar os responsáveis para esclarecer os fatos. Especificamente sobre as condições do espaço físico, poderia ser realizada uma avaliação das condições de acessibilidade das quadras ou espaços para as aulas de Educação Física (AUDÍ; MANZINI, 2006).

O segundo bloco contempla duas dificuldades administrativo-escolares que partem de deliberações de fora do ambiente escolar, mas com reflexos internos: 1) o professor de sala era o responsável pela turma e, por isso, atribuía as notas da Educação Física (P2, P3, P5, P9, P11, P1) e acompanhava as aulas, mas interferia na aula e tirava a autoridade do professor de

Educação Física (P2, P3, P4, P8, P15) e 3) havia somente uma aula de Educação Física por semana (P8, P11, P12, P15, P16).

A princípio seria preciso consultar junto à Prefeitura Municipal esclarecimentos sobre a obrigatoriedade ou a recomendação para que o professor de sala acompanhe as aulas de Educação Física e atribua as notas de Educação Física. Com relação à carga horária aulas de Educação Física, ainda não há uma regulamentação oficial. O que se tem é um Projeto de Lei, em votação no Senado, que altera a Lei nº 9.394/1996, para estabelecer carga horária mínima de Educação Física do Ensino Fundamental e Médio (BRASIL, 2012).

O terceiro e último bloco de dificuldades atribuídas ao administrativo-escolar continha um único relato: a atitude da direção escolar barrava iniciativas dos professores (P8, P9) e deliberava decisões sem conversar com os professores (P15, P17). A reflexão cabível a partir dessa dificuldade é que, diante na inclusão educacional de alunos com deficiência, deve haver uma transformação nas atitudes e no empenho de todas as pessoas envolvidas no sistema educacional (PALLA; MAUERBERG DE CASTRO, 2004).

Essa categoria é particularmente importante, pois, uma vez que se tenha a pretensão de implementar um projeto de formação de professores, será preciso considerar a dinâmica e o contexto que configuram o ambiente escolar (CRUZ, 2008).

### 3.3 DIFICULDADES ATRIBUÍDAS AO ALUNO

Os professores de Educação Física relataram dificuldades na inclusão educacional em função dos alunos com deficiência e dos alunos sem deficiência.

Especificamente sobre os alunos com deficiência, foram relatadas quatro dificuldades: 1) as características decorrentes do tipo e nível da deficiência (P2, P11, P17); 2) quanto à participação: faltava muito (P15, P16), era dependente da companhia da professora de sala (P2), não queria participar (P3, P11, P14, P15, P17); 3) não aceitou as adaptações de atividade (P2) e recurso (P3); 4) tinha dificuldade para compreender e entender a atividade (P1).

Sobre a dificuldade advinda das características decorrentes do tipo e nível da deficiência, sugere-se as seguintes ações: 1) identificar na unidade escolar, por meio de laudos e relatos dos professores, quais são os alunos e quais as deficiências; 2) contar com a ajuda de profissionais especializados para avaliar cada aluno; 3) buscar conhecimento teórico-prático sobre cada tipo de deficiência, em especial, aquela que acomete seus alunos.

Na etapa teórica da formação é importante tratar das características de cada deficiência, mas pontuar que o professor deve se pautar não pela limitação, comprometimento ou falta de funcionalidade, mas pelo potencial, capacidades e possibilidades dos alunos com deficiência (MUNSTER; ALMEIDA, 2006).

Quanto à participação do aluno com deficiência, sugere-se identificar o motivo das faltas, por exemplo, vontade própria, restrição médica, transporte, problema familiar. Entretanto, em etapa teórica da formação continuada dos professores, será preciso discutir dois tópicos: 1) nível de apoio que o aluno precisa (KREBS, 2004); 2) estimular o desenvolvimento

do aluno, criar possibilidades, identificar potencialidades, motivar a participação (SEABRA JÚNIOR; ARAÚJO 2006).

Sobre não aceitar as adaptações de atividade e recurso, o professor poderia: 1) conversar com o aluno, o qual pode sinalizar suas necessidades (FLORENCE, 2002); 2) incentivar que o aluno participe das tomadas de decisão sobre as adaptações, considerando o aceite ou não e, permitir que o aluno escolha as variáveis de adaptação (LIEBERMAN, 2002).

O relato sobre as dificuldades para compreender e entender a atividade indica ser necessário abordar durante a formação, nas etapas teórica e prática, o tópico tipos de instrução.

Especificamente sobre os alunos sem deficiência foi relatado que: 1) o aluno com “deficiência social/indisciplina” era o mais difícil de incluir (P7); 2) eram prejudicados pela inclusão (P2, P7, P10); 3) tinham atitude negativa frente às adaptações que visavam à inclusão (P7, P10); 4) tinham atitude negativa em relação aos alunos com deficiência (P17).

Essas quatro dificuldades permitiram estabelecer alguns conteúdos para a formação dos professores, como: 1) as definições de termos como deficiência, síndrome, Necessidades Educacionais Especiais, na medida em que houve o entendimento da indisciplina como uma deficiência; 2) discutir sobre ações que os professores de Educação Física podem ter em suas aulas, como: a) realizar uma sensibilização dos alunos por meio de vivência das diferentes deficiências, filmes, leitura de livros e reportagens; b) convidar pessoas com deficiências para visitar a escola e conversar com os alunos (MUNSTER; ALMEIDA, 2006).

### **3.4 DIFICULDADES ATRIBUÍDAS AO DIAGNÓSTICO**

O grupo de professores relatou encontrar dificuldades para incluir os alunos com deficiência em virtude de três aspectos relativos ao diagnóstico: 1) muitos alunos não possuíam laudo (P1, P2, P11, P14, P16, P17); 2) o desconhecimento sobre as características específicas das deficiências e síndromes (P1, P2, P11, P14); 3) os diagnósticos eram desvinculados da área da Educação (P14, P17).

A ausência de laudos indica a necessidade da Secretaria Municipal de Educação: 1) identificar mecanismos para buscar laudo; 2) encaminhar os alunos para avaliação. Outra ação seria realizar discussões com os núcleos de Educação Especial, por exemplo, com as professoras do Atendimento Educacional Especializado, para verificar o laudo (FALKENBACH; LOPES, 2010)

O desconhecimento sobre as características específicas das deficiências e síndromes sugere a ação, do proponente da formação dos professores de Educação Física, em identificar quais eram as deficiências e síndromes; convidar profissionais para falar sobre o tema durante a etapa teórica. Além disso, essas dificuldades sinalizam alguns caminhos no estabelecimento de conteúdos da formação, como: 1) a maneira de proceder diante de cada tipo de deficiência e 2) as possibilidades do aluno e como seu desenvolvimento pode ser potencializado nas aulas (AFONSO; MUNSTER, 2008).

### **3.5 DIFICULDADES ATRIBUÍDAS À FAMÍLIA**

Os 17 professores de Educação Física também atribuíram dificuldades para incluir os alunos com deficiência em função da família desses alunos.

Segundo os relatos, os pais: 1) não apresentaram o laudo do filho (P1, P2, P5, P6, P9, P11); 2) alguns não aceitavam ou negavam a deficiência do filho (P1, P2, P6, P11, P15, P16, P17); 3) alguns proibiram o filho de participar da Educação Física (P2, P3, P16); 4) não estavam satisfeitos com o trabalho realizado pela escola em relação à inclusão e cobraram os direitos assegurados nas leis (P10, P17).

Ainda que haja um consenso sobre a importância da parceria entre escola e família, a efetivação apresenta problemas (SILVA; MENDES, 2008). Dessa maneira, uma ação seria a de conhecer os motivos pelos quais as famílias não vêm correspondendo às expectativas das escolas (VALLE; GUEDES, 2003). Por isso, durante a etapa teórica da formação continuada dos professores, um conteúdo pode ser o de entender qual é a responsabilidade da família e qual é responsabilidade dos professores.

Assim como a ausência de diagnóstico dos alunos com deficiência, o relato sobre a ausência de laudos indica a necessidade de discutir com os representantes da Secretaria Municipal de Educação as implicações, para alunos e professores e, quais as possibilidades de obter diagnósticos quando a família não se responsabiliza.

### **3.6 DIFICULDADES ATRIBUÍDAS AO RECURSO PEDAGÓGICO**

De acordo com os relatos dos professores de Educação Física, as dificuldades para incluir os alunos com deficiência também ocorrerem em função dos materiais.

Os professores relataram que:

1) não havia recursos específicos para alunos com deficiência (P1, P2, P3, P4, P9, P10, P11, P14, P15, P16); 2) os recursos tradicionais da Educação Física eram disponíveis em quantidade insuficiente e sem variedade e não eram funcionais dependendo do tipo de deficiência (P1, P4, P9, P10, P14); 3) a escola possuía determinado recurso, mas não tinha espaço físico para deixar montado, ou, um auxiliar para ajudar a transportar (P2).

A presente pesquisa apoia-se na definição de Manzini e Deliberato (2007) que conceituaram o recurso pedagógico como um estímulo concreto, manipulável e que a esse estímulo seja atribuído uma ou mais finalidades pedagógicas.

A partir dos relatos dos professores, tem-se o recurso pedagógico como mais um dentre os outros conteúdos, já apontados, a serem trabalhos durante um programa de formação, podendo apresentar e ensinar como usar recursos ou materiais indicados para alunos com deficiência. Além disso, seria oportuno que, em uma etapa prática no programa de formação dos professores, discutir e exercitar o como selecionar ou adaptar um recurso diante das necessidades e potencialidades dos alunos com deficiência.

As dificuldades relativas aos recursos também sugerem ações a serem adotadas pelos proponentes da formação, como: 1) fazer uma busca na literatura sobre o que é indicado adquirir; 2) identificar na literatura as opções de adaptação de recursos para alunos com

diferentes deficiências. Em termos de parte prática da formação dos professores, seria preciso: 1) realizar um levantamento dos recursos disponíveis nas escolas dos professores participantes; 2) providenciar a compra de recursos necessários, o que ficaria a cargo dos proponentes da formação.

### 3.7 DIFICULDADES ATRIBUÍDAS ÀS ESTRATÉGIAS

Por definição, a estratégia é *uma ação do professor* que, na maioria das vezes, faz uso de um recurso para alcançar o objetivo. Enquanto ação, a estratégia acontece no momento do ensino, porém, deve ser previamente planejada com base nas características dos alunos, no objetivo da atividade e no nível de complexidade (MANZINI, 2010).

“O que fazer” e “como fazer” quando há um ou mais alunos com deficiência foi uma das grandes indagações do grupo de professores de Educação Física.

Sobre o planejamento da aula, eles relataram como dificuldades: 1) ter optado por conteúdos competitivos que, na aula, aguçaram a atitude negativa dos alunos sem deficiência (P1, P2, P11); 2) ter elaborado explicações complexas (P1, P13); 3) como elaborar um plano de aula para uma turma em que havia alunos com e sem deficiência? (P14, P15).

Essas três dificuldades sobre planejamento da aula revelam a necessidade de discutir com os professores, durante as etapas teórica e prática da formação, alguns tópicos como: a) planejamento da aula: planejar, inicialmente, para o conjunto da turma e, em seguida, avaliar se a forma planejada atende às peculiaridades dos alunos com deficiência ou se é necessário realizar mudanças (ABREU, 2009); b) seleção dos conteúdos e atividades para turmas em que há alunos com e sem deficiência: jogos cooperativos (OLIVEIRA, 2009); jogos e brincadeiras populares (CHICON, 2005); jogos, esportes e atividades recreativas diversificadas (LIEBERMAN, 2002); c) aprendizagem global versus aprendizagem por partes (CIDADE; FREITAS, 2009); d) tipos de instrução: orientação verbal, demonstração, assistência física, Braille (LIEBERMAN, 2002); e) adaptações: na instrução, nos materiais, no espaço físico, nas regras, nas estratégias (LIEBERMAN, 2002).

Para isso, a ação de quem propõe a formação é de identificar na literatura: as opções de jogos, atividades e esportes; as indicações de tipos de instrução, dica e *feedback* para alunos com deficiência e, as indicações de estratégias, adaptações, técnicas e procedimentos.

As dificuldades sobre planejamento da aula sugerem, dentre outras, a necessidade de uma etapa prática, junto ao professor, para elaborar o plano de aula de modo a incorporar os recursos e estratégias da Tecnologia Assistiva.

Sobre a execução da aula, os professores disseram ter dificuldades por que: 1) precisaram improvisar na aula, pois o planejamento foi falho (P1, P5, P15, P16); 2) faziam uso das estratégias tradicionais da Educação Física, as quais se mostraram não funcionais e ineficientes (P1, P8, P9); 3) não queriam atribuir responsabilidade ao aluno sem deficiência ao solicitar que acompanhasse/ajudasse o colega com deficiência (P2, P4, P10, P11, P15).

Essas dificuldades relatadas reforçam que é preciso contemplar, durante a formação dos professores, a discussão sobre o estabelecimento de estratégias funcionais, a partir das

características e potencialidades do aluno, do objetivo e do nível de complexidade da atividade (MANZINI, 2010). Além disso, em termos de conteúdos da formação dos professores, um deles poderá ser o tema Colega Tutor ao discutir, por exemplo, a definição, o entendimento do Colega Tutor como uma estratégia e como treinar os Tutores (NABEIRO, 2010; LIEBERMAN; HOUSTON-WILSON, 2009). E, em etapa prática da formação, realizar o treinamento de Colegas Tutores juntamente com o professor de Educação Física.

Os relatos da categoria estratégias reforçam os relatos anteriores de que a formação não deve ocorrer apenas em nível teórico, mas é fundamental uma etapa em que, conjuntamente com o professor de Educação Física, sejam elaborados planos de aula no sentido de selecionar os objetivos, os conteúdos, as estratégias, os recursos para uma aula em há alunos com e sem deficiência.

### **3.8 DIFICULDADES ATRIBUÍDAS À EDUCAÇÃO FÍSICA**

A última categoria de dificuldades refere-se à Educação Física enquanto área de conhecimento, que de acordo com os relatos dos professores: 1) em âmbito geral, era uma disciplina "não segmentada e não uniforme", gerando dificuldades não somente para incluir alunos com deficiência, mas no dia a dia escolar no sentido de "saber quais conteúdos trabalhar em cada série/ano" (P10, P14); 2) em âmbito municipal, não havia nada uniformizado ou em comum para a Educação Física, apenas sugestões de conteúdos e expectativas para cada série/ano (P1, P4, P8, P11, P14, P15, P16).

Na realidade, trata-se de uma categoria de dificuldades que vai além da inclusão, na medida em que os professores pontuaram questões de estrutura curricular da Educação Física Escolar que dificultaram a prática docente.

A partir dos relatos de dificuldade, dos professores, é pertinente que abordar, na etapa teórica da formação, um tópico para se discutir a própria área, uma vez que, frente à diversidade, não se pode mais pensar em uma única forma de Educação Física, mas em múltiplas formas de trabalhar; uma Educação Física que esteja atenta às diferenças, no sentido de atendê-las (RECHINELI; PORTO; MOREIRA, 2008; SEABRA JÚNIOR; ARAÚJO, 2006).

## **5 CONCLUSÕES**

Para o grupo de 17 professores de Educação Física, as dificuldades encontradas para atender a demanda da inclusão educacional de alunos com deficiência advêm de diferentes fatores: formação, questão administrativo-escolar, alunos, diagnóstico, família, recurso pedagógico, estratégia de ensino e da área Educação Física.

As ações sugeridas, a partir dessas dificuldades, indicaram que, para promover a formação desses professores de Educação Física, seriam necessárias iniciativas de diferentes âmbitos, como, das Instituições de Ensino Superior e seus docentes, da Secretaria Municipal de Educação, das Políticas Públicas, da Direção e Coordenação escolar, dos professores de Educação Física e, também, das Pesquisas e/ou dos coordenadores de cursos de formação.

Como o presente estudo faz parte de um Projeto de intervenção e formação do professor de Educação Física para o trabalho de inclusão escolar de alunos com deficiência, foram sugeridas ações, para a Pesquisa, no sentido de planejar e desenvolver uma formação de professores em nível teórico, com a abordagem de conteúdos e, em nível prático para, juntamente com o professor, planejar e estabelecer estratégias, além de selecionar os recursos adequados ou adaptá-los conforme a necessidade.

Os relatos dos professores indicaram que, em termos de conteúdos da formação seria preciso dialogar com os professores e os representantes da Secretaria Municipal de Educação, não apenas sobre estratégias e recursos para incluir os alunos com deficiência na aula de Educação Física, mas abordar tópicos que permitam versar sobre as oito categorias de dificuldades, com o auxílio de profissionais com experiência nas temáticas.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, J. R. G. *Inclusão na educação física escolar: abrindo novas trilhas*. 2009. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.
- AFONSO, C. M. S.; MUNSTER, M.A.V. Proposta de inventário de avaliação das condições de inclusão de alunos com deficiências nas aulas de educação física escolar. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2., 2008, São Carlos. *Anais...* São Carlos: CEEFE/UFSCar, 2008, p.61-107. Disponível em: [www.eefe.ufscar.br/upload/3.pdf](http://www.eefe.ufscar.br/upload/3.pdf). Acesso em: 25 jan. 2013.
- ARAÚJO JÚNIOR, D. A. Educação Física na Escola Inclusiva: estudo de caso de uma escola regular em Salvador. *Corpo, movimento e saúde*, Salvador, v.2, n.1, p.13-34, 2012.
- AUDI, E. M. M. ; MANZINI, E. J. *Protocolo para avaliação de acessibilidade em escolas do ensino fundamental: um guia para gestores e educadores*. Marília: ABPEE, 2006.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Análise de conteúdo*. Edição Revisada e Ampliada. Lisboa: Edições 70, 2012.
- BRASIL. Senado Federal. Secretaria Geral da Mesa. *Projeto de Lei do Senado Nº 249, de 2012*. Altera a Lei nº 9.394 que estabelece as diretrizes e bases de educação nacional, para estabelecer carga horária mínima de educação física do ensino fundamental e médio. Brasília, DF, 2012.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Especial. Ministério da Educação. Edital nº. 02 de 26 de abril de 2007. *Programa de Formação Continuada de Professores na Educação Especial*. Brasília, DF, 2007a. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/2007\\_formacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/2007_formacao.pdf) Acesso em: 20 mar. 2014.
- \_\_\_\_\_. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. *Comitê de Ajudas Técnicas*. Ata da Reunião VII, de dezembro de 2007 do Comitê de Ajudas Técnicas. 2007b. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/corde/arquivos/doc/Ata%20III%2019%20e%2020%20abril2007.doc>. Acesso em: 20 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade*. Brasília, DF, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17434&Itemid=817](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17434&Itemid=817) Acesso em: 20 mar. 2014.

BRITO, R. F. A.; LIMA, J. F. Desafios encontrados pelos professores de educação física no trabalho com alunos com deficiência. *Corpo, movimento e saúde*, Salvador, v.2, n.1, p.1-12, 2012.

CHICON, J. F. *Inclusão na Educação Física escolar: construindo caminhos*. 2005. 420 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2005.

CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. S. *Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência*. 2.ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2009. 124 p.

CRUZ, G. C. *Formação continuada de professores de Educação Física em ambiente escolar inclusivo*. Londrina: Eduel, 2008.

FALKENBACH, A. P.; LOPES, E. R. Professores de Educação Física diante da inclusão de alunos com deficiência visual. *Pensar a Prática*, Goiânia, v.13, n.3, p.118, 2010.

FIORINI, M. L. S. *Concepção do professor de Educação Física sobre a inclusão do aluno com deficiência*. 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2011.

FLORENCE, R. B. P. *A Educação Física na rede pública do município de São João da Boa Vista-SP e o portador de necessidades especiais: do direito ao alcance*. 2002. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

GATTI, A.B. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília, DF: Liber, 2005.

JESUS, D. M. O que nos impulsiona a pensar a pesquisa-ação colaborativo-crítica como possibilidade de instituição de práticas educacionais mais inclusivas? In: BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M.; JESUS, D. M. (Org.). *Educação Especial: diálogo e pluralidade*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

KITZINGER, J. Introducing focus groups. *BMJ*, v.311, p.299-302, 1995. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2550365/pdf/bmj00603-0031.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2011.

KREBS, P. Retardo Mental. In: WINNICK, J. (Org.). *Educação Física e Esportes Adaptados*. São Paulo: Manole, 2004.

LAMASTER, K. et al. Inclusion practices of effective elementary specialists. *Adapted Physical Activity Quarterly*, Champaign, v.15, p.64-81, 1998.

LIEBERMAN, L. J. *Strategies for inclusion: a handbook for physical educators*. Champaign: Human Kinetics, 2002.

LIEBERMAN, L. J.; HOUSTON – WILSON, C. *Strategies for inclusion: a handbook for physical educators*. 2.ed. Champaign: Human Kinetics, 2009.

LIENERT, C.; SHERRILL, C.; MYERS, B. Physical educators' concerns about integrating children with disabilities: a cross-cultural comparison. *Adapted Physical Activity Quarterly*, Champaign, v.18, n.1, p.1-17, 2001.

MANZINI, E. J. Recurso pedagógico adaptado e estratégias para o ensino de alunos com deficiência física In: MANZINI, E. J.; FUJISAWA, D. S. *Jogos e recursos para comunicação e ensino na educação especial*. Marília: ABPEE, 2010. p.117-138.

MANZINI, E. J.; DELIBERATO, D. Portal de ajudas técnicas: equipamento e material pedagógico para educação – recursos adaptados II. Brasília: ABPEE/MEC/SEESP, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

MARTINS, L.A.R. Reflexões sobre a formação de professores com vistas a educação inclusiva. In: MIRANDA, T.G.; GALVÃO FILHO, T.A. (Org.). *O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAZZARINO, J. M.; FALKENBACH, A.; RISSI, S. Acessibilidade e inclusão de uma aluna com deficiência visual na escola e na Educação Física. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v.33, n.1, p.87-102, 2011.

MENDES, E.G. Caminhos da Pesquisa sobre Formação de Professores para a Inclusão Escolar. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M.A.; HAYASHI, M.C.P.I. (Org.). *Caminhos da Pesquisa sobre Formação de Professores para a Inclusão Escolar*. Araraquara: Junqueira & Marins Editores, 2008.

MORGAN, D. L. *Focus Groups as qualitative research*. 2. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1997.

MORLEY, D. et al. Inclusive physical education: teachers' views of including pupils with special educational needs and/or disabilities in physical education. *European Physical Education Review*, v. 1, n.1, p.84-107, 2005.

MUNSTER, M. A. V.; ALMEIDA, J. J. G. Um olhar sobre a inclusão de pessoas com deficiência em programas de atividade motora: do espelho ao caleidoscópio. In:

RODRIGUES, D. (Org.). *Atividade Motora Adaptada: a alegria do corpo*. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

NABEIRO, M. O colega tutor nas aulas de educação física inclusiva. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A. (Org.). *Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010.

OLIVEIRA, M. F. L. *Sentidos constituídos por professores de educação física frente ao processo de inclusão de alunos com deficiência: um estudo em psicologia da educação*. 2009. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

PALLA, A. C.; MAUERBERG-DECASTRO, E. de. Atitudes de professores e estudantes de educação física em relação ao ensino de alunos com deficiência em ambientes inclusivos. *Revista da Sobama*, Rio Claro, v.9, n.1, p.25-34, 2004.

POWELL, R. A; SINGLE, H. M. Focus Groups. *International Journal for Quality in Health Care*, v.8, n.5, p.499-504, 1996.

RECHINELI, A.; PORTO, E. T. R.; MOREIRA, W. W. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, v.14, n.2, p. 293-310. 2008.

RODRIGUES, D. As dimensões de adaptação de atividades motoras. In: *Atividade motora adaptada: alegria do corpo*. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

SEABRA JÚNIOR, M. O.; MANZINI, E. J. *Recursos e estratégias para o ensino do aluno com deficiência visual na atividade física adaptada*. Marília: ABPEE, 2008.

SEABRA JÚNIOR, L.; ARAÚJO, P. F. Educação física e inclusão: considerações sobre a ação docente no ambiente escolar. In: SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 1., 2006, São Paulo. *Anais...*, São Paulo: FEUSP, 2006.

VALLE, M. H. F.; GUEDES, T. R. Habilidades e competências do professor frente à inclusão. In: SOBRINHO, F. P. N. (Org.). *Inclusão educacional: pesquisas e interfaces*. Rio de Janeiro: Livre Expressão, p.42-61, 2003.

---

Recebido em: 30/09/2013

Reformulado em: 21/03/2014

Aprovado em: 15/05/2014